

EDUCAÇÃO INFANTIL E A ABORDAGEM DO TEMA CORONAVÍRUS: PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NO RETORNO ESCOLAR*

Paola Sturza Brum Just (INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA)
Fernanda Monteiro Rigue (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA)
Alice Copetti Dalmaso (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA)

Resumo: este trabalho tem como objetivo geral apresentar achados decorrentes de um espaço de formação virtual e interventiva envolvendo docentes, bem como uma ação com crianças. Em ambas as ações buscou-se dialogar sobre questões relacionadas a pandemia da COVID-19, sendo elas atreladas a aspectos socioemocionais (no caso dos docentes) e de caráter preventivo, sanitário e de higiene (no caso das crianças). O viés metodológico dessa pesquisa é de abordagem qualitativa (GOLDENBERG, 1997), de natureza aplicada e do tipo Pesquisa-ação (TRIPP, 2005). Com a referida proposta foi possível aguçar uma escuta para as narrações das crianças e docentes, afinando um corpo presente e atento para com suas noções quanto ao coronavírus e questões socioemocionais, com vistas a produzir possibilidades de exploração pedagógica, educacional e acolhedora.

Palavras-chave: educação infantil; ciências; COVID-19; perguntas-crianças; aprendizagens socioemocionais.

1 Introdução

A educação no atual contexto contemporâneo é marcada por uma série de fatores que a interpelam: tecnologias de informação e comunicação; acesso ampliado à informação; agravamento de situações de vulnerabilidade social; interculturalidade; afetamentos socioemocionais, bem como demais temas transversais. Em março de 2020, o Brasil entrou em contato com a situação pandêmica do coronavírus (COVID-19) causada pelo vírus Sars-CoV-2. A sua presença no contexto social, chegou até os ambientes institucionais de ensino, demandando deles uma série de reestruturações, adaptações e formações.

Cruz, Martins e Cruz (2021) apontam que várias estratégias foram implementadas para diminuir o contágio do COVID-19. Isso acabou fazendo com que “[...] milhões de bebês, crianças bem pequenas e pequenas deixaram, abruptamente, de frequentar as suas turmas de creches e pré-escola. Essa mudança drástica no cotidiano (...) intensificou alguns antigos desafios” (CRUZ; MARTINS; CRUZ, 2021, p. 148), como é o caso da necessidade de fortalecer os laços vinculares, solidários e respeitosos importantes para o desenvolvimento humano.

Assim, exposta a atmosfera acontecimental a qual estamos implicadas, partimos do pressuposto teórico-conceitual, de cunho antropológico, que pensa as relações humanas e não-humanas compondo e combinando uma grande malha. A noção de malha emerge de Tim Ingold (2015). A malha, portanto, trata das “[...] linhas emaranhadas de vida, crescimento e movimento” (INGOLD, 2015, p. 111), e que diz respeito ao mundo que nós habitamos. Malhas ininterruptas de ações, pensamentos, emoções, palavras, gestos. O que pode, então, a educação,

* XV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online.



quando múltiplas afetações se enlaçam e se combinam? Como essa percepção da malha pode repercutir em nossas ações futuras na educação com crianças, por exemplo?

O Ensino de Ciências, enquanto área do conhecimento escolar carrega consigo saberes historicamente construídos e que dizem respeito ao campo das Ciências da Natureza (Química, Física e Ciências Biológicas). Por ter relação direta com o conhecimento do corpo humano e das relações de saúde, possui um potencial de intervenção pedagógica significativo para produzir ações efetivas no retorno escolar presencial com crianças. Explorar aquilo que o Ensino de Ciências tem enquanto conhecimento científico para o retorno escolar presencial com crianças, em momento de readequação curricular, pode caracterizar uma forma de contribuir para que, de fato, seja possível concretizar uma qualidade de biossegurança que garanta o andamento das relações de ensino e aprendizagem da melhor forma possível

Em se tratando da Educação Infantil, há de considerar que nesta etapa a mobilização de medidas sanitárias e mediação pedagógica toma um lugar que demanda extrema atenção, uma relação de ‘ajuste criativo’ que readéque os currículos e potencialize a reconstrução emocional tanto das crianças quanto dos adultos envolvidos nessa etapa formativa (BRASIL, 2020).

Levando esse escopo teórico em conta, a partir do foco atencional para a realidade de um município do interior do Estado do Rio Grande do Sul (RS), especificamente uma Escola de Educação Infantil, foi possível perceber em diálogo informal com uma docente que atua na Pré-escola, a insegurança e o medo quanto ao retorno presencial das aulas, bem como da mobilização de experiências e saberes escolares. Fato que nos mobilizou a atentar para tal realidade - a preparação e o retorno escolar presencial das crianças e também dos docentes na escola.

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar os achados decorrentes de um espaço de formação e intervenção educacional, constituído por diferentes movimentos em uma escola de educação infantil, que mobilizou enfrentamentos durante a readequação escolar. Posteriormente, utilizou-se de tecnologias educativas para dialogar com docentes que atuam na educação infantil, trabalhando questões socioemocionais, dialogando com o processo de enfrentamento da pandemia, compartilhando suas vivências durante período em que estavam afastados do ambiente escolar, conversando sobre o coronavírus através da experimentação, imaginação e do acolhimento da pergunta-criança¹ (DALMASO; OLIVEIRA; CORRÊA, 2018).

O viés metodológico dessa pesquisa é de abordagem qualitativa (GOLDENBERG, 1997), de natureza aplicada e do tipo Pesquisa-ação (TRIPP, 2005). Por se tratar de uma pesquisa-ação, a pesquisa se dá na inter-relação e conversação permanente com os participantes, sendo, portanto, participativa e colaborativa. Para tanto, inicialmente se desenvolve uma revisão de literatura envolvendo o viés teórico que inspira o presente estudo. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos, seguidos pela discussão e análise dos dados.

2 Desenvolvimento

Com base na aproximação das pesquisadoras com o trabalho das docentes titulares com crianças pequenas, buscamos traçar compreensões e estratégias envolvendo os conhecimentos

¹ A pergunta-criança é uma estratégia potente, criada e lançada pelos autores supracitados, a qual foi utilizada durante aulas de metodologias para futuros professores, a fim de explorar outras possibilidades, como forma de movimentar as práticas de futuros professores, utilizando das perguntas-máquinas/pergunta-criança como forma de aprender e ensinar ciências para crianças, inspirado num modo de pensar-criança a partir das perguntas-máquinas (DELEUZE; GUATTARI, 1997).



do Ensino de Ciências, com vistas a auxiliar na criação de possibilidades colaborativas com o trabalho pedagógico em um momento de readaptação às normas de biossegurança. Na medida em que habitamos esse território, encontramos uma série de questões transversais que se tramam ao retorno presencial, como: dificuldade de diálogo entre docentes e equipe gestora; pouco espaço de autonomia para criação por parte dos docentes; ausência de Equipamentos de Proteção Individual, imprescindíveis para atual situação.

Desta forma, após um levantamento prévio com as duas docentes regentes (uma de cada pré-escola da instituição escolar), delimitou-se o tema de interesse para ambas: aspectos socioemocionais na docência, assim utilizou-se de um encontro virtual desenvolvido por intermédio da plataforma do Google Meet, junto às docentes das turmas. O referido encontro, com duração de três horas, foi antecedido de um levantamento prévio com as duas docentes (uma de cada turma pré-escolar da escola), acerca do tema de interesse, o que permitiu delimitar a temática: aspectos socioemocionais na docência.

Sabendo disso, a proposta de encontro se organizou da seguinte forma: 1) Solicitou-se às docentes² que selecionassem três palavras que já estivessem em sua mente há algum tempo. Pediu-se, então, para que as anotassem num papel, celular ou mentalmente (como achassem mais confortável) e as deixassem reservadas; 2) Após esse momento, utilizou-se de algumas oficinas adaptadas para o encontro online que trabalharam as questões socioemocionais, de aceitação do outro em sua legitimidade (MATURANA; REZEPKA, 2000) e de acolhimento. Por fim, pedimos para que retomássemos as palavras do movimento inicial da conversação, com vistas a dialogarmos e pensarmos juntos acerca delas.

Na dinâmica proposta as docentes escolheram suas palavras sendo elas insegurança, pânico, angústia, medo e expectativa, todas sentimentos vinculados ao atual contexto pandêmico que assola e perdura até o presente momento.

Durante a atividade de experimentação do Maturana (2000), foi solicitado para que as docentes imaginassem como seria este reencontro com as crianças, e sonhassem com o abraço que receberiam dos estudantes na chegada (sempre considerando que se tratava de uma ação hipotética, já que, em função da pandemia, isso não seria possível). Após essa solicitação, uma das professoras sentiu-se emocionada e argumentou estar ‘arrepiciada’ ao se conectar a essa imaginação. A outra docente argumentou não conseguir se perceber imaginando um abraço em um dos seus estudantes, pois, segundo ela, só pensava em abraçar seu pai que encontrava-se em uma Unidade de Tratamento Intensivo, acometido pelo vírus.

As questões socioemocionais foram abordadas por surgir como uma temática emergente e necessária, percebia-se que se estava pensando apenas na segurança física, levando em conta questões de contágio pela COVID-19, esquecendo-se das afetações psicológicas e compõem o campo das emoções, após inúmeros desafios, apontamentos, cobranças, possíveis perdas, falta de interação causada pelo afastamento social. O retorno presencial ultrapassa a organização sanitária e de distanciamento social, demandando uma reunião de forças que atente para a multiplicidade dos corpos que habitam as escolas, em específico de docentes formadoras de uma infância futura, a qual necessita que cresça e floresça na convivência entre pares que respeitam, conservam e afirmam a força vital das crianças serem quem elas são.

Após o trabalho com as docentes e o espaço de conversação, partimos para compor outras estratégias com as crianças, onde buscamos desenvolver a curiosidade, instigando o interesse pelo aprendizado e os cuidados quanto ao contágio e propagação do Coronavírus.

² Nos referimos como às docentes, no gênero feminino, porque todas as professoras eram mulheres.



Concomitantemente, atentamos em buscar resultados significativos no desempenho destas crianças e no desenvolvimento da proposta de trabalho sobre a importância da higiene em tempos de pandemia, bem como alavancar questões de subsídio para discutirmos pontos que consideramos fundamentais na conversação com as crianças, a saber: o que é o Coronavírus, quais os cuidados que devemos apresentar com relação à pandemia, o que esse vírus causa, como ocorre o contágio, dentre outros pontos que poderiam surgir ao decorrer da conversação.

Para iniciar a conversação com as crianças, incitando a curiosidade, utilizamos algumas questões norteadoras, a saber: Qual a diferença que vocês notaram na vida de vocês, antes do coronavírus e de agora, quando retornaram à escola? O que vocês sabem sobre o Coronavírus? Os pais de vocês conversaram sobre o Coronavírus, COVID-19 ou pandemia? Como vocês se sentiram durante este tempo que ficaram fora da escola e sem poder sair por conta do Coronavírus? Na televisão vocês ouviram falar alguma coisa sobre o Coronavírus?

Na conversação, com relação às diferenças relatadas pelas crianças de como eles percebiam a escola antes e depois do coronavírus, as crianças afirmaram sobre a presença das máscaras, do álcool em gel, as roupas de proteção das professoras e observaram ter poucos coleguinhas na sala de aula, uma realidade bem diferente da que presenciaram anteriormente, já que ambos frequentavam a escola desde o berçário e maternal. Já em relação quanto a como eles se sentiam, relataram estar tristes por não poder sair no portão, não ter escola, não brincar com os amigos, não poder acompanhar a mãe no mercado, ficar alguns dias longe dos avós, dentre outras narrativas envolvendo a rotina que viviam antes da presença da pandemia em suas vidas.

Logo após essa primeira conversação, iniciou-se a leitura de uma história interativa sugerida pela pedagoga, responsável pela turma: “Meu nome é coronavírus” (CRUZ, 2020). Com a história, conseguimos explorar vários aspectos relacionados aos cuidados com relação à propagação do vírus, e quais eram os sintomas causados pelo mesmo. Partimos da premissa de explicar que este vírus era primo da gripe e do resfriado, perguntando às crianças, então, se algum deles já havia ficado resfriado, como eles se sentiram. As crianças responderam que, quando gripadas, ficavam sem vontade de brincar, às vezes com nariz escorrendo e também com tosse. Assim, falamos que o coronavírus era, em certo ponto, semelhante, só que um pouco mais grave, como se fossem estes os mesmos sintomas, porém de uma forma mais agravada, e que muitas pessoas poderiam ir para o hospital por causa dele.

Ao decorrer da proposta, incentivamos as crianças que perguntassem o que mais elas gostariam de saber. Foi assim que surgiram perguntas do tipo: “Do que o coronavírus se alimenta? Como nasce o coronavírus bebê? Ele toma um leite especial? O que são as árvores que estão dentro do pulmão da história? Se eu levar a mão no meu nariz, eu pego coronavírus? O coronavírus veio de avião?”.

Percebe-se aí a potência das perguntas-crianças (DALMASO; OLIVEIRA; CORRÊA, 2018), movimentadoras de um pensar que é próprio das circunstâncias sociais, mas de um devir-cognitivo das mesmas. Afinal, quem faz esse tipo de perguntas, as quais nós nunca temos respostas e pensamentos prontos para as mesmas? Assim, foi nesse sentido que, com estas perguntas promovidas por eles e que emergiram após a leitura, é que estruturamos as propostas seguintes as quais serão apresentadas.

Além disso, vislumbrando os questionamentos lançados pelas crianças em momento anterior, buscando-se apresentar de forma lúdica a propagação do vírus no ambiente, utilizamos glitter de diferentes cores. Cada cor era dita por eles, o que de imediato chamou a atenção dos pequenos. A professora dramatizou um espirro e neste momento, colocou a mão no glitter, em



seguida tocando nas coisas com a mão com glitter, o qual se espalhava pela classe, cabelo, nariz, até mesmo na roupa. Com esta dinâmica, reforçamos a importância da higiene, não somente das mãos, mas também das roupas, das máscaras, dos calçados, de manter as unhas curtas, etc. Explicamos também que, devido a esse funcionamento do “vírus”, não podíamos ainda nos abraçar ou tocar, porque, assim como o glitter que estava agora por todas as partes, o vírus também poderia estar, só que ele era invisível e isso demandava de um cuidado ainda maior, porque é difícil nos protegermos do que não estamos vendo.

A experimentação produzida foi uma brincadeira que englobou vários pontos importantes de respeito ao próximo, de saúde, do lúdico, da imaginação, do brincar e explorar, mostrando-se uma estratégia possível, fácil e significativa para as crianças.

Para a experimentação do Dedo Mágico foi necessário um prato com água, orégano e detergente. Após colocar o orégano sobre a água, pediu-se para que eles passassem detergente no dedo e mergulhassem o dedo com detergente, no prato com água e orégano. No instante em que isso é realizado, as folhas de orégano se afastam deixando o centro do prato limpo (representando as partículas de sujeira, germes, bactérias e até mesmo o coronavírus). Ao produzir essa experimentação com as mãos das crianças, salientou-se a analogia: para estarmos seguros, é necessário lavar as mãos regularmente, fazendo os movimentos de fricção entre os dedos, nas palmas das mãos, nos polegares, embaixo das unhas e sobre o dorso da mão.

Como processo avaliativo deste movimento desenvolvido na escola, foram propostas duas atividades. Uma delas se tratava de vendar os olhos das crianças e colocar um pouco de tinta guache na palma das mãos delas; em seguida pedimos que elas simulassem a lavagem das mãos, novamente utilizando a imaginação no seguimento do “Faz de Conta” pedindo que “Finjam estar lavando as mãos... como vocês fazem normalmente?”. Após elas falarem que haviam terminado, tiramos as vendas dos olhos e solicitamos para que juntos observassem se todas as áreas da mão estavam cobertas com a tinta guache. Em seguida, visualizamos com elas se todas as áreas das mãos foram atingidas com a tinta, reforçando e acrescentando que todos os movimentos realizados durante o “lavar as mãos” são necessários, frisando que as áreas não atingidas pela tinta não foram devidamente limpas.

3 Conclusão

Com base na série de ações que foram implementadas no cerne da educação infantil de uma instituição de ensino do RS, foi possível direcionar a atenção para a construção de subsídios potentes para o retorno presencial da educação escolar, contemplando parte dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil, defendidos na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

No arquivo da BNCC nós observamos os verbos conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, os quais não podem estar livres das intenções das educadoras e educadores os quais produzirão práticas pedagógicas a partir desses direitos e desenvolvimentos. Nesse sentido, o arquivo afirma que:

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas (BRASIL, 2018, p. 39).



Essas práticas, afirmadas e promulgadas nas linhas supracitadas, como parte do processo de organização e planejamento de um educador/a em situações educacionais com crianças, auxilia na garantia de promoção de uma gama infinita de experiências corporais e mentais a serem vivenciadas com as mesmas, visando seu desenvolvimento pleno. Dito isso, acreditamos que esse cenário amplia o que denominamos como proposições e aproximações iniciais (e necessárias) de introdução de uma base científica na educação infantil.

Por outra via, com relação aos aspectos dos docentes e seus atravessamentos socioemocionais, notou-se entre os diálogos com as docentes a necessidade da promoção de encontros como este, de trocas de experiências, de acolhimento das vulnerabilidades que nos habitam, e de possibilidade de fala dos professores, os quais necessitam ser ouvidos para que ocorra uma promoção de cuidado coletivo pós-isolamento, permeando os atravessamentos de natureza emocional.

Por intermédio das ações envolvendo os saberes e práticas que envolvem noções e aproximações com experiências científicas, bem como os conhecimentos pedagógicos da professora regente, relacionados às dinâmicas, desenvolvidas com as crianças, foi possível aguçar uma escuta para as narrações das crianças e docentes, afinando um corpo presente e atento para com suas noções quanto ao coronavírus e questões socioemocionais, com vistas a produzir possibilidades de exploração pedagógica, educacional e acolhedora.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Guia de orientações acolher vidas para fortalecer emoções e criar estratégias pós-pandemia – covid-19**. Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. 2020.

CRUZ, S. H. V.; MARTINS, C. A.; CRUZ, R. C. de A. **A educação infantil e demandas postas pela pandemia: intersectorialidade, identidade e condições para o retorno às atividades presenciais**. Zero-a-Seis, v. 23, n. Especial, p. 147-174, jan./jan., Florianópolis, 2021.

CRUZ, M. M. **Meu nome é coronavírus**, 2020. Disponível em: <https://catve.com/arquivos/15840192955e6a375f71bfd.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

DALMASO, A. C.; OLIVEIRA, M. O.; CORRÊA, G. C. (2018). **Pergunta-criança: uma estratégia de aprender (e ensinar) Ciências**. Revista Tempos e Espaços em Educação, 11(25), 213-226, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: 34, 1997

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MATURANA, H.; REZEPKA, S. N. **Formação e capacitação humana**. Petrópolis: Vozes, 2000

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

